
200 ANOS DE EDUCAÇÃO NO BRASIL: EXCLUSÃO, LUTA E PERTENCIMENTO

Estudante(s): Ana Gabriele de Abreu Fonseca (23nabi03@gmail.com), Raylander Henrique Borges (raylander.h.borges@gmail.com), Sávio Rodrigues Coelho (savio200514@gmail.com)

Orientador(es): Cíntia da Silva Vaz(cintiafazhistoria@gmail.com)

Escola: Escola Estadual Frei Egídio Parisi

Resumo

O presente trabalho visou discutir e compreender as causas da evasão escolar, considerada um dos maiores problemas educacionais brasileiros e a principal justificativa para a implantação do Novo Ensino Médio. Focada na realidade da Escola Estadual Frei Egídio Parisi, localizada no Bairro Santa Mônica na cidade de Uberlândia em Minas Gerais, nossa pesquisa buscar traçar um paralelo entre o papel social da escola, que é garantir o desenvolvimento de alunos em âmbitos sociais e cognitivos, com a mesma capacidade do ambiente escolar afetar a aprendizagem ao se tornar um local muitas vezes fonte de ansiedade para alunos e professores. Para isso tentamos compreender a história da escola no país, desde as primeiras escolas jesuíticas, passando pela transformação da educação em lei de responsabilidade do Estado até a pandemia do Covid-19 e a forma que esses eventos influenciaram a escola atual. Apontamos os principais problemas observados que levam ao abandono de ensino, dentre eles: a exclusão de alunos, bullying, a falta de adaptação dos alunos ao ensino tradicional, problemas de renda e problemas com a saúde mental como depressão e ansiedade, buscando ao mesmo tempo apontar um caminho para que parte desses problemas possam ser amenizados, mesmo que apenas localmente.

Palavras-chave: Educação, sociedade, escola, evasão, resistência.

Introdução e justificativa

Durante a pandemia do COVID-19 a evasão escolar aumentou significativamente. Segundo o IBGE, no segundo trimestre de 2021 o número de alunos que deixaram a escola, cresceu em 171%, cerca de 244 mil jovens não estavam matriculados em nenhuma instituição de ensino. Compreendendo a extrema importância da função social desenvolvida pela escola, tanto na formação cognitiva quanto para o exercício da cidadania de um indivíduo. Passamos

a nos perguntar o que poderiam levar tantos jovens a abandonarem. Visando responder a esse questionamento, primeiramente nos debruçamos ao histórico da educação no Brasil.

Desde a formação dos primeiros grupos humanos, presenciamos trocas de conhecimentos e experiências, afinal era justamente essa capacidade que nos diferenciava das demais espécies- a habilidade de aprender, ensinar, registrar e transmitir. Nas tribos nômades, nas comunidades cooperativas, nas primeiras civilizações, e educação, seja ela familiar ou institucional, caminhou de mãos dadas com o avanço e desenvolvimento das sociedades. Nos atentando à realidade brasileira não foi diferente, pois a educação acompanhou e influenciou o progresso do país.

A história da educação brasileira se inicia após a chegada dos portugueses em nossas terras, os primeiros "educadores" do Brasil foram os jesuítas, que chegaram por volta de 1549. A principal função deles era catequizar os indígenas, sendo assim estabelecia uma relação de pressão entre "educadores" e "alunos" pois os jesuítas estavam tentando "corrigir" a cultura dos nativos, o estudo era de extremamente ligado a moral, ou seja, nativos que não seguiam as regras de maneira estrita eram punidos. Além da problemática envolvendo a educação dos indígenas havia o contraste com relação à educação recebida pelos filhos dos colonos. Enquanto os nativos estudavam em escolas catequéticas, construídas por eles próprios, os filhos homens dos colonos estudavam em escolas voltadas para o ensino tradicional.

Com a expulsão dos jesuítas do Brasil, a educação em nosso território enfrentou uma "pausa" de dez anos até a reestruturação do ensino pelo Marquês de Pombal, onde os indígenas foram excluídos das instituições. Já no século XVII, com as influências de ideias iluministas foram introduzidos novos ideais na educação, como a desassociação da religião com o ensino e a instalação de matérias mais práticas. Nessa metodologia também foi dado um papel mais central ao Professor, inclusive algumas das aulas eram lecionadas nas casas dos professores.

Em 1808, as tensões de Napoleão na Europa fizeram com que a família real portuguesa viesse para o Brasil, o país então teve que se reestruturar para receber a família real e sua corte. Nesse período começou a ser construído faculdades, escolas com melhor infraestrutura, mas visando, evidentemente, a elite da época. Mesmo que em 1822 a lei garantia que a educação deveria ser para todos, não houve um efetivo investimento na

construção de escolas e na formação dos professores para a população das camadas mais pobres.

Um dos grandes problemas também foi a divisão da educação pelo próprio Estado. Mesmo que o governo tivesse que cuidar das escolas, cada província geria a formação na sua própria região, sendo responsável pela contratação e formação dos professores, estruturação das escolas e oferta de vagas, o que resultou em extrema desigualdade entre as regiões.

No século XX, ocorreu um aumento na discussão da escola para todos, e a educação começa a modificar-se da forma como a conhecemos hoje, estabelecendo-se em um modelo capitalista e industrial, voltado para fragmentação dos conteúdos, conquista de metas e apresentação de resultados padronizados. A evolução tecnológica no século XX e início do século XXI, além de mudanças sociais, como as conquistas femininas e a constituição de 1988, também impulsionaram mudanças profundas no cenário educacional: Novas pautas, novas formas de se comunicar e se relacionar vem forçando a escola a novamente repensar toda a sua estrutura.

Dentro de um ambiente escolar, alunos que não conseguem atingir o resultado esperado no modelo tradicional são considerados fracassados, porém nem todos os indivíduos conseguem acompanhar não por uma falha, mas pelo funcionamento diferente de cada cérebro. Alunos com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade e autismo são muitas vezes taxados como sem disciplina e sem capacidade cognitiva, e em alguns casos a escola, a família e o próprio indivíduo têm uma condição diferente que não o torna menos capacitado. O diagnóstico é difícil de ser dado e existe a dificuldade da escola de se adaptar a esses alunos. Com a dificuldade com o ensino tradicional, o aluno começa a ter baixa autoestima e pode abandonar a escola.

Depois de dois anos convivendo mais com aparelhos tecnológicos os jovens enfrentam problemas em se relacionar presencialmente com outros estudantes, principalmente aqueles que mudaram de escola e aqueles que não são tão ativos em redes sociais como o Instagram e TikTok, pois a relação entre popularidade e número de seguidores é muito evidente. Likes, stories, trends são muito importantes para a nova geração e quem tem menos seguidores, quem não está tão por dentro dessas tendências e não tem seu próprio grupinho acaba não conseguindo se enturmar mais com os colegas causando uma exclusão que desmotiva muitos alunos de ir para a escola, devido a importância que a convivência que se

tem dentro da escola e de suma importância, criar laços e vínculos é importante para o ser humano e vem sendo cada vez mais difícil para alguns grupos, como pessoas tímidas ou que tem gosto diferente da maioria. A exclusão ainda pode chegar em níveis mais altos, devido ao bullying que é uma realidade nas instituições

Objetivos

O objetivo da pesquisa é relacionar como a história do desenvolvimento da escola no Brasil está ligada à evasão escolar. Como os problemas herdados do passado afetam a realidade dos estudantes brasileiros no cenário atual.

Metodologia

O grupo realizou diversas pesquisas relacionadas ao contexto histórico da evolução educacional no Brasil, analisando os aspectos socioculturais do ambiente escolar pós pandemia, destacando a hierarquia escolar e verificando os possíveis focos de exclusão, problemas de pertencimento e gatilhos para crises de ansiedade. Para isso, observamos o ambiente escolar, elaboramos um questionário geral disponibilizado para todos os estudantes do Ensino Médio (faixa etária com maior índice de evasão escolar), fizemos entrevistas com alguns alunos para sabermos a opinião dos jovens a respeito do tema e com base nelas propor uma solução para o problema analisado.

Resultados e Discussão

Nossa pesquisa foi focada na realidade da Escola Estadual Frei Egídio Parisi, localizada no Bairro Santa Mônica na cidade de Uberlândia em Minas Gerais.

As principais hipóteses que levantamos sobre as possíveis causas da evasão escolar são: falta de estrutura socioeconômica, ou seja, alunos que precisam trabalhar para ajudar ou até mesmo manter sua família, sendo assim não conseguem estudar e ter um emprego ao mesmo tempo. Outro fator pode ser a falta de motivação de alunos com as matérias aprendidas na escola, além disso a ascensão de trabalhos que não necessitam de formação

acadêmica como influenciadores digitais. E evidentemente os efeitos da pandemia como a dificuldade de se adaptar a uma nova rotina.

Nossa primeira hipótese seria a da estrutura socioeconômica, que seriam fatores relacionados à posição social e econômica dos estudantes. Focamos em pesquisar se os alunos trabalhavam e a relação familiar como era o incentivo da família ao estudo. O resultado é que 65,1% disseram que não trabalham, inclusive quando questionados a maioria dos alunos que não trabalham afirmaram que não seria possível manter a atual rotina de estudos com o trabalho. Em relação aos alunos que trabalham, 90% dizem que é difícil conciliar escola e estudos. Entretanto, mesmo que a maioria tenha afirmado já ter se sentido cansado ou sobrecarregado, a maioria nunca pensou em abandonar a escola. Vale ressaltar que a maioria dos estudantes da escola são residentes do bairro Santa Mônica e Segismundo Pereira, que são bairros tradicionais e bem populosos de Uberlândia, além do Santa Mônica se caracterizar como um bairro universitário. A escola por se localizar nessa área tem acesso muito próximo ao terminal Santa Luzia que facilita a mobilidade para a escola. Outro ponto analisado seria a falta de motivação dos alunos perante a escola. Por isso investigamos as principais motivações dos estudantes para ir a escola: 47,7% diz ir para escola se preparar para o Vestibular/ Enem, 22,1% para obter um diploma e 9,3% diz que para a socialização e 9,3% diz que vão apenas por que são obrigados pelos pais. Enem e Vestibulares são um dos principais meios de acesso a faculdades e segundo a pesquisa 73,3% pretendem fazer faculdades.

“Sinto que estou sendo preparada para o futuro e que obtenho muito conhecimento, mas também passo por situações de estresse e me sinto cansada frequentemente.”

A respeito de obter um diploma muitos alunos acreditam que vão ter empregos melhores no futuro se terminarem o ensino médio. Em relação a socialização, quando pedido para os alunos relatarem suas primeiras lembranças da escola, a maior parte associou as memórias aos amigos que fizeram. 51,2% se sentem excluídos ocasionalmente, e 27,9% se sentem excluídos na escola diariamente o que mostra um percentual preocupante tendo em vista a importância que a parte social tem na construção de um ambiente escolar confortável. Falando sobre a importância da matéria no dia a dia dos alunos: 32,6% acredita que os conteúdos apresentados na escola são parcialmente importantes mostrando uma maior

afinidade por conteúdos que eles se dão bem com os professores e suas didáticas e conseguindo enxergar assim uma maior utilidade no dia a dia. Atentando ao cenário pós pandemia 86,9% dos alunos acreditam que seu rendimento caiu em algum nível. Muitos relatos mostram que uma das principais mudanças que os alunos sentiram foi a de se acostumar a ter uma rotina para os estudos:

“ Muita responsabilidade já de uma vez, porque já fui para o terceiro ano já com o Enem e vestibular na porta. [...] Então minha rotina depois da pandemia já começou com muita pressão a respeito de já ser o meu último ano da escola.” Relato de um estudante do terceiro ano do ensino médio.

Alunos do novo ensino médio se sentem sobrecarregados com a quantidade de matéria que tem que estudar, sem estarem acostumados a uma carga tão complexa de materiais:

“ Novo Ensino Médio me prejudicou muito afinal não faz nenhum sentido ter +/- 21 matérias que em sua maioria não ajudam ou adicionam em nada para mim e digo isso como aluno, trabalhador e pessoa.” Relato de um estudante do primeiro ano do ensino médio.

“Me sinto pressionado para cumprir as respectivas atividades escolares, principalmente em bimestres nas quais mandam várias dessas atividades em um prazo curto de entrega e todos praticamente na semana. A escola é um bom ambiente para socialização mas descumpre o resto, o sistema padrão de ensino não favorece aqueles que têm variadas formas de aprendizado, é a mesma coisa para todos: sentados em uma cadeira atrás de um colega, com um quadro lá na frente e um professor falando. Todos somos diferentes e temos variadas formas de aprender, e este é um dos meus maiores pontos para questionar, a escola era pra ser um lugar na qual você vai com o prazer de aprender, mas virou uma obrigação, ficar sentado por 5 horas em uma cadeira não só faz mal a sua saúde física como psicológica, isso é um dos temas que também a neurociência discute sobre.” Relato de um aluno do ensino médio.

Conclusões

Em nossas pesquisas percebemos que o percurso da educação está intimamente relacionado com o meio e tempo em que as instituições são inseridas. As escolas são ao mesmo tempo, produtos e produtoras de seu contexto histórico e social e reproduzem em seus muros, de maneira micro, aquilo que o seu entorno presencia de forma macro. Não é possível separar a escola de sua comunidade e isolar os estudantes e a própria estrutura social das transformações pelas quais a humanidade passa.

Dentro da realidade da escola Frei Egídio Parisi, ocupada por estudantes com estrutura familiar e econômicas estáveis, localizada em área que facilita a mobilidade e com uma estrutura física, muitas vezes compara a instituições privadas, os alunos apresentam pouca chances de abandonarem a escola, mas isso não torna a escola menos cansativa e as readaptação pós- pandemia um processo mais fácil. Além de não representar a realidade de todas as escolas do país, ou mesmo da cidade. Reforçando nossa imagem de que a educação brasileira ainda permanece desigual, por mais que tentamos resistir e incluir, nem todos possuem as mesmas chances e condições.

Referências

AMORIN, Gessika; Uma análise sobre a saúde mental da criança e do adolescente no pós-pandemia <<https://portalhospitaisbrasil.com.br/uma-analise-sobre-a-saude-mental-da-crianca-e-do-adolescente-no-pos-pandemia/>> (acesso em 22 set de 2022)

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. Brasil no Século XX: o desafio da educação. In: _____. História da Educação. 2ª ed. rev. e atual. São Paulo: Moderna, 1996.

BELLO, Luiz de Paiva. História da Educação no Brasil. Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/> (Acesso em 20 set 2022)

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. História da Educação no Brasil. 17ª ed. Petrópolis: Vozes, 1978

SOARES, Janaina; História da Psiquiatria no Brasil e no Mundo <https://www.cursosaprendiz.com.br/historia-psiquiatria-brasil-mundo/> (acesso 22 de set 2022)

TIRELO, Marcia Moreira; TDAH E O COTIDIANO ESCOLAR: UM DESAFIO DA
EDUCAÇÃO ATUAL <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/tdah-e-o-cotidiano>